

USO POPULAR DE PLANTAS MEDICINAIS NO RIO GRANDE DO NORTE, NORDESTE DO BRASIL¹

VANESSA PEREIRA MOSCA², MARIA IRACEMA BEZERRA LOIOLA^{3*}

RESUMO - Realizou-se o levantamento de espécies vegetais usadas na medicina popular em bairros urbanos nos municípios de Natal, região Litorânea, e de Santa Cruz, região Agreste, no estado do Rio Grande do Norte. As informações sobre as propriedades medicinais das plantas foram obtidas mediante levantamento de dados junto aos moradores através de entrevistas, que foram realizadas no período de fevereiro a agosto/2005 e de setembro a dezembro/2007. Em cada área, 100 moradores foram consultados por meio de formulários padronizados, totalizando 300 entrevistas. Foram anotados dados sobre a planta (nome popular, parte do vegetal utilizada, forma de uso e indicação) e da população (faixa etária, sexo e escolaridade). Registraram-se 57 espécies distribuídas em 54 gêneros e 34 famílias botânicas. Independente do nível de escolaridade dos informantes, mais de 50% destes fazem uso de espécies vegetais na cura de afecções das mais variadas natureza. As famílias com maior representatividade em número de espécies foram: Lamiaceae (sete), Euphorbiaceae (quatro), Myrtaceae (quatro), Zingiberaceae (três) e Lauraceae (três). Aproximadamente 49% das espécies foram comuns às três áreas estudadas. As partes mais utilizadas para o preparo dos medicamentos foram as folhas, frutos e raízes, que são usadas principalmente para o tratamento de doenças respiratórias. Já os chás se destacaram como a forma de uso mais predominante. É apresentada uma tabela contendo informações especialmente no que se refere ao uso e indicação das espécies pelos entrevistados.

Palavras-chave: Etnobotânica. Conhecimento tradicional. Região nordeste.

FOLK USE OF MEDICINAL PLANTS IN RIO GRANDE DO NORTE, NORTHEASTERN BRAZIL

ABSTRACT - A survey was made of the plant species used in popular medicine in the coastal city of Natal, and the rural city of Santa Cruz, both in the northeastern Brazilian state of Rio Grande do Norte. Information on the medicinal properties of the plants was obtained from interviews with local residents performed between February and August, 2005 and between September and December, 2007. In each area, 100 inhabitants filled out standard forms, for a total of 300 interviews. Data was collected on the plant (popular name, part of the plant used, form of use and function) and on the population (age group, sex and schooling). We recorded 57 species distributed into 54 genres and 34 botanical families. Regardless of schooling level, more than 50% of the respondents reported using plant species for curing a wide assortment of ailments. The most used families in terms of number of species were: Lamiaceae (seven), Euphorbiaceae (four), Myrtaceae (four), Zingiberaceae (three) and Lauraceae (three). Around 49% of the species were common to the three areas studied. The most used plant parts for preparing remedies, which are used mainly for treating respiratory diseases, were the leaves, fruits and roots. Teas are the most common form of dispensing the medicine. A table is presented containing information, especially on the use and function of the species, as described in the interviews.

Keywords: Ethnobotany. Traditional knowledge. Northeastern region.

* Autor para correspondência.

¹Recebido para publicação em 23/07/2008; aceito em 17/06/2009.

²Centro de Ciências Biológicas, UFRN, Lagoa Nova, Caixa Postal 1524, 59072-970, Natal-RN

³Departamento de Biologia, UFC, Bl. 906, 60455-970, Campus do Pici, Fortaleza-CE; iloiola@ufc.br

INTRODUÇÃO

No Brasil, o interesse pelo estudo das plantas medicinais tem sido despertado face às novas tendências globais de preocupação com a biodiversidade e as idéias de desenvolvimento sustentável (CARRICONDE et al., 1995; AGRA, 1999; MATOS, 1999, 2002; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a, 2002b; LORENZI; MATOS, 2002; RUDDER, 2002; PEREIRA et al., 2005; BORBA; MACEDO, 2006; FRANCO; BARROS, 2006; PINTO et al., 2006; PILLA et al. 2006; TEIXEIRA; MELO, 2006; FLORENTINO et al., 2007; MAIOLO-AZEVEDO; FONSECA-KRUEL, 2007).

Por outro lado, a Organização Mundial de Saúde (OMS), visando diminuir o número de excluídos dos sistemas governamentais de saúde, recomenda aos órgãos responsáveis pela saúde pública de cada país que: a) procedam a levantamentos regionais das plantas usadas na medicina popular tradicional e identifiquem-nas botanicamente; b) estimulem e recomendem o uso daquelas que tiverem comprovadas sua eficácia e segurança terapêutica; c) desaconselhem o emprego das práticas da medicina popular consideradas prejudiciais; d) desenvolvam programas que permitam cultivar e utilizar as plantas selecionadas na forma de preparações dotadas de eficácia, segurança e qualidade (LORENZI; MATOS, 2002).

No Nordeste do Brasil, apesar da grande influência dos meios de comunicação e do número crescente de farmácias na região, o uso de plantas medicinais ainda é freqüente, tanto no meio rural e urbano, sendo comum principalmente neste último, a presença de raizeiros em pontos estratégicos de algumas cidades. De acordo com Matos (2002), 90% da população economicamente carente do Nordeste brasileiro recorrem às plantas medicinais para a cura de seus problemas de saúde.

Justifica-se o presente trabalho pela necessidade da existência de estudos sobre o uso dos recursos da flora do Rio Grande do Norte, visto que praticamente inexistem artigos publicados sobre esse tema no referido Estado.

Esse estudo teve como objetivo inventariar as espécies vegetais utilizadas como medicinais em três bairros urbanos do estado do Rio Grande do Norte e caracterizar o uso dessas plantas pelas populações entrevistadas.

MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento de dados junto aos entrevistados foi conduzido no período de fevereiro a agosto/2005 e de setembro a dezembro/2007. Para fins comparativos, foram selecionadas três áreas inseridas em bairros urbanos nos municípios de Natal (“Vila de Ponta Negra”, bairro de Ponta Negra,

“Conjunto Cidade Satélite”, bairro de Pitimbu), região Litorânea do Rio Grande do Norte, e de Santa Cruz (“Conjunto Cônego Monte”, bairro Cônego Monte), região Agreste do estado (Figura 1). Esses dois municípios distam entre si 125 km. Vale ressaltar que nessas três áreas, os entrevistados vivem no local há pelo menos cinco anos e interagem entre si de diferentes formas (reuniões de associações, conselhos etc.). Muitos nasceram e/ou residiram parte de suas vidas no interior do estado.

A Vila de Ponta Negra que é constituída, em parte, por pescadores e artesãos, é portadora de saberes, hábitos, costumes, tradições que integram um modo peculiar de viver, tendo esses um baixo poder aquisitivo. Está inserida em um dos bairros mais “turísticos” da capital e vem sofrendo, nas últimas décadas, um significativo impacto ambiental, cultural e social, o que de certo modo tem gerado um descompasso na vida da comunidade (ALVES et al., 2008).

Já o Conjunto Cidade Satélite, se localiza no bairro natalense Pitimbu, próximo à divisa de Natal com o município de Parnamirim. É considerado um dos maiores conjuntos habitacionais do município e os moradores têm um poder aquisitivo mais elevado, com renda familiar superior a mais de cinco salários mínimos e as construções residenciais são bem elaboradas. A maioria dos entrevistados trabalham no comércio ou possuem seu próprio negócio.

Por sua vez, o Conjunto Cônego Monte, localizado na cidade de Santa Cruz é formado por moradores de pouco poder aquisitivo, com baixa renda familiar (cerca de dois salários mínimos), possuindo residências de construções bem simples. A principal atividade dos entrevistados é o trabalho no comércio local.

As coletas botânicas e entrevistas foram realizadas semanalmente, no período de 10h00min as 17h00min. Foi entrevistado um total de 300 moradores (um por residência), sendo 100 em cada área. As residências foram selecionadas com base na disposição dos moradores em colaborar com a presente pesquisa e estas foram visitadas por várias vezes, no período de realização do estudo (fevereiro-agosto/2005 e setembro-dezembro/2007). Foram entrevistados homens e mulheres na faixa etária de 18 e 80 anos e nesta ocasião, utilizando-se da técnica da *turnê-guiada* (Albuquerque; Lucena, 2004), foram feitas coletas de amostras férteis nas próprias residências ou locais próximos. A obtenção das amostras e o processamento das mesmas seguiram os métodos usuais (MORI et al., 1989; BRIDSON; FORMAN, 1998).

As informações sobre o uso medicinal das plantas foram obtidas através da abordagem qualitativa, mediante técnicas de entrevistas semi-estruturadas (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004) e de observação.

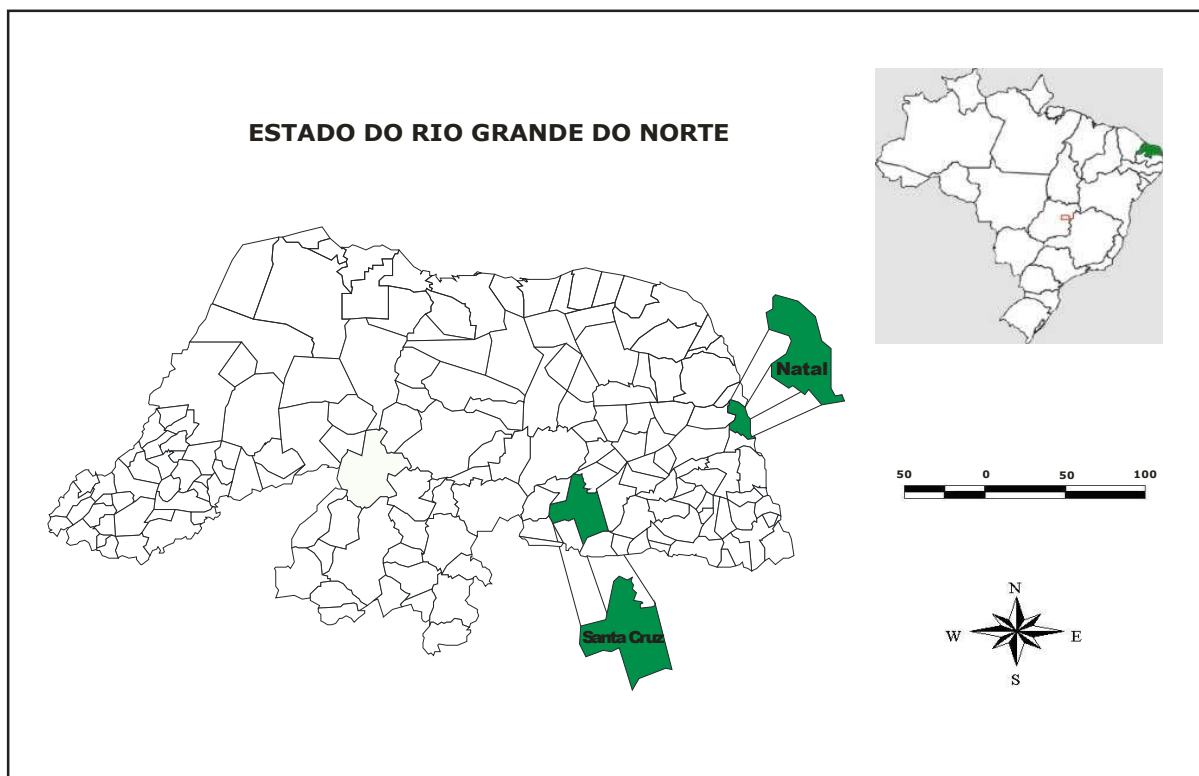


Figura 1. Mapa do Rio Grande do Norte com a indicação das áreas de estudo. Fonte: Elaboração própria.

Foram registradas informações essenciais para o reconhecimento das espécies (nome popular, parte(s) utilizada(s), forma de preparo, indicação de uso e formas de aquisição das plantas), além de dados dos entrevistados como sexo, idade, escolaridade e frequência de utilização.

Para a determinação da frequência de uso das plantas, adotaram-se os seguintes critérios: nunca; raras vezes (1vez/mês); algumas vezes (2-3 vezes/mês); freqüentemente (4 ou mais vezes/mês).

Com relação à ocorrência, foram consideradas como cultivadas aquelas espécies que a comunidade cultiva em suas residências (quintais, jardins, hortas); nativas as que são obtidas pela comunidade na vegetação local e compradas, aquelas plantas adquiridas no comércio ou feiras-livres (SILVA; ANDRADE, 2005).

As identificações foram realizadas pela co-autora deste trabalho no local da entrevista ou no Laboratório de Sistemática de Fanerógamas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte com auxílio de literatura (LORENZI; SOUZA, 1999; MATOS, 1999, 2002; BRAGA, 2001; LORENZI; MATOS, 2002), complementada pela análise de espécimes herborizados pertencentes ao Herbário UFRN e por consulta a especialistas. Adotou-se o Sistema de Classificação de Cronquist (1988), exceto para a família Leguminosae e, Brummitt e Powell (1992), para a abreviatura dos nomes dos autores. Toda a coleção resultante foi incorporada ao Herbário UFRN.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos 300 questionários aplicados, verificou-se que entre os entrevistados, 227 eram do sexo feminino e 73, do masculino. Diante desses resultados, levantou-se a possibilidade dos mesmos terem sido influenciados pelo horário em que as pesquisas foram realizadas (entre 10h00min e 17h00min). No entanto, deve-se ressaltar que embora outros estudos (RITTER et al., 2002; ARNOUS et al., 2005; BORBA; MACEDO 2006) não indiquem o horário da realização das entrevistas, o sexo feminino também foi o predominante.

Quanto à faixa etária, observou-se que a maior parte dos informantes, 118 (39,33%), tinha entre 38 e 58 anos, seguido de 106 (35,33%), que pertenciam à faixa de 18 a 38 anos (Figura 2).

No que se refere à escolaridade, constatou-se que a maioria dos entrevistados de Cidade Satélite possui nível médio ou superior (Figura 3), ao contrário do que ocorreu nas outras duas áreas, em que os moradores, na maioria das vezes, possuem apenas o nível fundamental. Esse fato parece estar diretamente relacionado ao maior poder aquisitivo dos moradores do Conjunto Cidade Satélite.

Considerando a frequência do uso de plantas medicinais entre os entrevistados, 65 (21,66%) afirmaram usar freqüentemente plantas medicinais para o tratamento de suas enfermidades; 110 (36,6%) fazem uso alguma vez; 85 (28,33%) utilizam ainda que raramente e apenas 40 (13,33%), não utilizam nenhum tipo de medicamento caseiro. Estes resulta-

dos diferem daqueles encontrados em outro estado nordestino (Pernambuco) por Teixeira & Melo (2006), onde se constatou que 100% das 57 pessoas entrevistadas recorrem às plantas medicinais em casos de doenças.

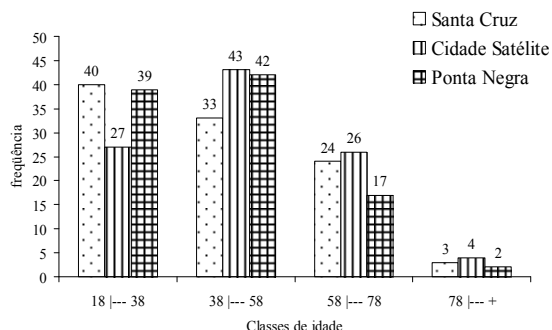


Figura 2. Distribuição dos informantes por faixa etária.

A Tabela 1 mostra que para qualquer nível de escolaridade, mais de 50% dos entrevistados utilizam algumas vezes ou freqüentemente plantas medicinais. Essa alta freqüência de uso pode ser observada em 68% dos informantes sem nenhuma escolaridade;

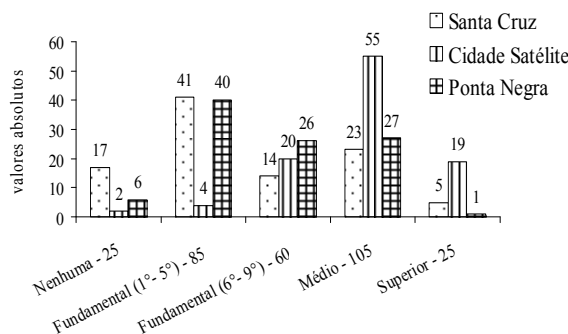


Figura 3. Nível de escolaridade dos moradores entrevistados.

em 51,76% com nível fundamental; em 61,7% com nível fundamental 2; em 56,19% com nível médio e em 72% dos informantes com nível superior. Os resultados evidenciam ainda que, todos os informantes (25) com nível superior utilizam medicamentos caseiros, ainda que raramente. Analisando a freqüência do uso de plantas medicinais em função da escolaridade dos entrevistados, verificou-se que o grau de escolaridade não influenciou na aceitação do uso de plantas medicinais.

Tabela 1. Freqüência quanto ao uso de plantas medicinais em função do nível de escolaridade.

Escolaridade/Nº de pessoas	Freqüência			
	nunca	raras vezes	algumas vezes	freqüentemente
Nenhuma/25	12%	20%	48%	20%
	32%		68%	
Fundamental 1 (1º ao 5º ano)/85	14,12%	34,12%	29,41%	22,35%
	48,24%		51,76%	
Fundamental 2 (6º ao 9º ano)/60	15%	23,3%	41,7%	20%
	38,3%		61,7%	
Médio/105	15,24%	28,57%	37,14%	19,05%
	43,81%		56,19	
Superior/25	0%	28%	36%	36%
	28%		72%	

É importante mencionar que entre os entrevistados existe uma acentuada tradição familiar, onde parentes próximos, vizinhos e amigos repassam as mudas das plantas e também as informações acerca de como utilizá-las no tratamento das doenças. Merece ainda destacar que a maioria dos entrevistados tem alguma relação com municípios do interior do estado do Rio Grande do Norte, ou seja, ou nasceram e passaram parte de suas vidas ou possuem familiares que ainda residem nestes. Sendo esta a explicação mais plausível para a não correlação entre grau de escolaridade e uso de plantas entre os entrevistados.

No total, foram citados 65 nomes populares de plantas utilizadas como medicinais nas três áreas, referentes a 57 espécies distribuídas em 54 gêneros e 34 famílias de angiospermas (Tabela 2). O número de espécies é próximo ao referido por Sales e Lima (1985) que encontraram 66 espécies em um estudo realizado sobre o uso da flora para fins medicinais em um assentamento na microrregião de Soledade na Paraíba.

As famílias melhor representadas em número de espécies, no presente estudo, foram Lamiaceae (07), Euphorbiaceae (04), Myrtaceae (04), Zingiberaceae (03) e Lauraceae (03), sendo estas constituídas

predominantemente por plantas cultivadas. Ressalta-se que a maioria das espécies registradas (40), são cultivadas em jardins, hortas ou quintais das próprias residências e apenas 17 espécies (Tabela 2) foram adquiridas em locais próximos às residências (como terrenos abandonados), estabelecimentos comerciais ou em feiras livres. Outra informação importante é que as espécies nativas estão geralmente associadas a ambientes costeiros como dunas e restingas.

Entre os levantamentos referentes ao uso das plantas medicinais em outros estados brasileiros, alguns podem ser comparados com o presente estudo. Esses trabalhos também apontam o predomínio destas famílias, mas não em igual ordem de importância. Santos (2002), ao realizar o levantamento das

plantas utilizadas como medicinais em Tacaratu/PE, também indicou como famílias mais representativas em número de espécies Lamiaceae (07) e Euphorbiaceae (03). Dois anos depois, Medeiros et al. (2004), relacionaram Asteraceae (06) e Lamiaceae (04) como as famílias melhor representadas em número de espécies em Mangaratiba/RJ. Já no estudo realizado por Teixeira e Melo (2006) no município de Jupi/PE, as famílias representadas por um maior número de espécies foram Lamiaceae (11), Asteraceae (08) e Cucurbitaceae (07). Uma possível explicação para as Lamiaceae se destacarem nos estudos de plantas medicinais, deve-se ao fato de que esta família possui vários representantes com propriedades terapêuticas comprovadas.

Tabela 2. Plantas utilizadas pelas comunidades nas três áreas (Cidade Satélite e Ponta Negra em Natal e Santa Cruz) selecionadas no RN, com suas respectivas famílias, nomes científicos e populares, parte vegetal utilizada, formas de preparo, indicação de uso, Status (C=cultivada na residência; N= nativa; COM= comprada); número de coletor; ENC = espécie não coletada.

Família	Nome Científico	Nome popular	Parte utilizada	Formas de preparo	Indicação	Status	Nº Coletor
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajueiro	casca	lambedor, banho	inflamação (garganta, útero), cicatrizante	N, C	Mosca 26
	<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	folha	chá	tosse	C	Mosca 30
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro	semente	chá	dor de cabeça	C, COM	ENC
	<i>Pimpinella anisum</i> L.	erva-doce	semente	chá	calmante, tosse, cólica menstrual	C, COM, M	ENC
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseoalba</i> (L.) G. Don	boa-noite-branca	folha, flor	chá	tosse, gripe	C	Mosca 20
	<i>Plumeria alba</i> L.	jasmim	látex	uso tópico	cicatrizante	C	Mosca 32
Asteraceae	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	anador	folha	chá	doenças intestinais	C	Mosca 08
	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	camomila	flor	chá	estômago, calmante	C, COM	ENC
Bignoniaceae	<i>Arrabidaea</i> sp.	crajiru	folha	chá	dor, cólica, inflamação uterina	N	Mosca 22
Brassicaceae	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	agrião	folha	chá	gripe	C	ENC
Caprifoliaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	sabugueiro	flor	chá	baixar febre	C	Mosca 29
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz	folha	ingestão com leite, lambedor, banho	gastrite, gripe, garganta, inflamação (útero e ovário), sinusite	C	Mosca 06
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	corama	folha	chá, lambedor, ingestão (suco)	dor, gripe, inflamação uterina e da próstata	C, COM	Mosca 15
Cucurbitaceae	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	cabacinha	fruto	inalação	sinusite	C, COM	ENC
	<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	folha	banho, lambedor	hemorróidas, gripe	C	Mosca 34
Euphorbiaceae	<i>Cnidioscolus urens</i> (L.) Arthur	urtiga-branca	raiz	chá	inflamação do ovário	N	Mosca 35
	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	avelós	látex	uso tópico	cicatrizante, verruga	C	Mosca 36
	<i>Phyllanthus amarus</i> Schum.	quebra-pedra	folha, raiz	chá	dor nos rins, cálculos renais	N	Mosca 14
	<i>Ricinus communis</i> L.	carrapateiro, mamona	semente	óleo	verme, queimadura	N	Mosca 37
Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	folha	inalação	sinusite, dor de cabeça, febre	C	Mosca 17
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavaca	folha	chá	digestão, diarreia	C, COM	Mosca 04

Continuação Tabela 2...

	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	hortelã-miúda	folha	chá	gripe, ameoba	C	ENC
	<i>Plectranthusamboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã-folha-grande, malvarisco	folha	lambedor	gripe	C	Mosca 16
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo, falso-boldo	folha	chá	enjôo, digestão, barriga, ressaca, gripe	C, COM	Mosca 09
	<i>Plectranthus neochilus</i> Schlechter	hortelã-de-são-francisco, folha-santa, setedores	folha	chá	dor na barriga	C	Mosca 25
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	folha	lambedor, chá	gripe, dor, cólica, nervos, mal-estar, pressão alta	C	Mosca 03
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	abacateiro	folha	chá	rins	C	ENC
	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	canela	caule	chá, maceração	estômago, vômito, calmante, garganta, dor de cabeça, tontura	COM	ENC
	<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	folha	chá	digestão	COM	
Leguminosae/ Caesalpinioidae	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	pau-brasil	casca	Maceração, gargarejo	garganta	N	Mosca 28
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	alho	bulbo	chá, lambedor	gripe, garganta, pressão, colesterol, inflamação do ovário	COM	ENC
	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	babosa	folha	lambedor, uso tópico, supositório	Inflamação, câncer, coluna, estômago, creme para cabelo, cicatrizante, hemorroidas	C	Mosca 39
Magnoliaceae	<i>Anisum stellatum</i> L.	anil-estrelado, badiana	fruto, semente	chá	dor de cabeça	COM	ENC
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	algodoeiro	folha	lambedor	gripe	C	Mosca 40
Myrtaceae	<i>Eugenia malaccensis</i> L.	jambeiro	folha, fruto	chá	diabetes, colesterol, rins, coluna, hipertensão	C	ENC
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitangueira	folha	chá	diarréia	C	Mosca 18
	<i>Psidium guajava</i> L.	goiabeira	folha	chá	diarréia	C	Mosca 10
	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Nerril	cravo	botão floral	chá	indigestão	COM	Mosca 44
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L. (DC.) Stapf.	carambola	folha, fruto	chá, suco	diurético	C	Mosca 41
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	maracujazeiro	folha, fruto	chá, casca moída	calmante, diminuir pressão arterial, insônia, diminuir colesterol	C	Mosca 19
Pedaliaceae	<i>Sesamum indicum</i> L.	gergelim-preto	semente, folha	chá	ossos, febre reumática	COM	Mosca 05
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	tansagem	folha	chá	antiinflamatório, tratamento de câncer	COM	Mosca 11
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	capim-santo	folha	chá	digestão, intestino, gases, calmante	C	Mosca 07
	<i>Zea mays</i> L.	milho	flores (estiletes)	chá	uretra	C	ENC
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	romã	fruto	lambedor	garganta, inflamação	C	Mosca 27
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juazeiro	casca	banho	ferimento	N, C	ENC
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	folha	uso tópico (sumo), com álcool, uso direto na testa	dores de ouvido, muscular e de cabeça	C	Mosca 01
Scrophulariaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha	raiz	chá	inflamação urinária	N	Mosca 24

Continuação Tabela 2...

Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	jurubeba	raiz, folha fruto	lambedor	doenças do fígado	N	Mosca 42
Theaceae	<i>Camellia sinensis</i> L.	chá-preto	folha	chá	dor de estômago	COM	ENC
Turneraceae	<i>Turnera subulata</i> Sm.	chanana	raiz	chá, lambe- dor	gripe, tosse	N	Mosca 43
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	erva-cidreira	folha	chá	digestão, calmante, menopausa, intesti- no, gases, ameoba	C	Mosca 02
Violaceae	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Schulze-Menz	ipecacuanha	raiz	chá, lambe- dor	ossos, gripe	N	Mosca 21
Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson & C. E. Jarvis	insulina	folha	chá	tratamento da dia- betes	C, COM	Mosca 23
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. & R. M. Sm	colônia	folha	chá/ banho	Tranqüilizante, insônia, gripe	C	Mosca 13
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	cana-do-brejo, cana-da-india, cipó-de- macaco	folha	chá	inflamação urinária	C	Mosca 12
	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gingibre	raiz	mastigação	estômago, garganta	COM	ENC

A maior diversidade de plantas citadas ocorreu em Cidade Satélite onde foram registradas 50 espécies, seguida de Ponta Negra e Santa Cruz, com 40 e 35 espécies, respectivamente. Acredita-se que esse resultado esteja relacionado ao fato de que em Cidade Satélite, os lotes das casas são maiores tendo os entrevistados mais espaço para a realização do

cultivo, associado ao maior esclarecimento destes em relação às propriedades curativas das plantas. Dentre as espécies citadas como medicinais pelos entrevistados, 49,12% são comuns às três áreas. Na Tabela 3, encontra-se a relação das dez espécies de plantas mais usadas pelos entrevistados, com seus respectivos números de citações.

Tabela 3. Relação das dez plantas mais usadas pelos moradores entrevistados nos municípios de Natal e Santa Cruz/RN, com os respectivos números de citações, famílias, nomes científico e popular.

Citações	Família	Nome científico	Nome popular
135	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo (falso boldo)
118	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim santo
118	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br	erva-cidreira
81	Lamiaceae	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Hortelã miúda
76	Asteraceae	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	camomila
75	Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz
63	Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	corama
60	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã folha grande/ malvarisco
55	Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	romã
52	Liliaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	babosa

Neste estudo, verificou-se ainda que das 300 residências visitadas, 118 (39,33%) tem pelo menos uma planta cultivada com finalidade medicinal (Figura 4). Deve-se mencionar que a ausência do cultivo de plantas com finalidade medicinal em 182 (60,66%) residências deve-se principalmente, segundo os entrevistados, à falta de quintais ou à presença constante de animais domésticos, como cães e galinhas. Esses dados diferem daqueles obtidos por Teixeira; Melo (2006), em um estudo etnobotânico realizado em áreas urbana e rural no município de Jupi (Pernambuco), onde 100% dos entrevistados têm em casa pelo menos uma planta.

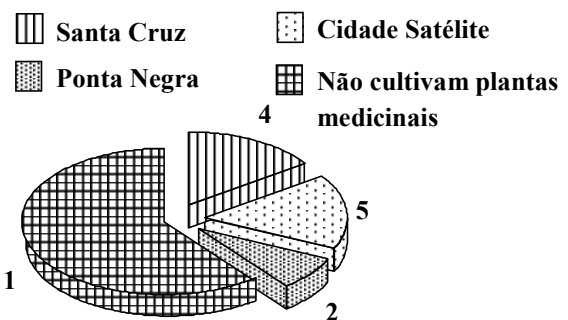


Figura 4. Número de residências onde foram realizadas as entrevistas que cultivam ou não, planta medicinal nas áreas selecionadas em Santa Cruz e Natal (Cidade Satélite e Ponta Negra)-RN.

Quanto às principais formas de aquisição das plantas ou produtos vegetais usados com fins medicinais pelos entrevistados foi observado que, em Santa Cruz, é mais comum o compartilhamento de plantas medicinais entre familiares, vizinhos e amigos do que em Cidade Satélite e Vila de Ponta Negra. Uma explicação plausível para esse resultado é que os moradores do bairro Cônego Monte têm uma relação de amizade mais forte, por tratar-se de um município interiorano.

Para as 57 espécies registradas foi calculada a porcentagem de utilização de cada parte da planta. Com maior frequência foram mencionadas as folhas (61,4%), seguida dos frutos e raízes (12,28%), sementes e flores (8,77%), cascas (5,26%), látex (3,5%), bulbo e caule (1,92%). Esses dados podem ser justificados pelo fato das plantas coletadas nas três áreas apresentarem folhas disponíveis durante todo o ano, em concordância com o observado por Castellucci et al. (2000), que ainda chamaram a atenção para o fato de ser nas folhas que se concentra grande parte dos princípios ativos da plantas.

Resultado semelhante ao obtido nesse estudo foi encontrado nos levantamentos realizados por Santana et al. (1999), Amorozo (2002), Medeiros et al. (2004) e Teixeira e Melo (2006), nos quais as folhas também foram as partes vegetais mais utilizadas pela população. No entanto, os estudos desenvolvidos por Albuquerque e Andrade (2002) em Alagoinha/PE mostraram que as cascas eram as partes mais procuradas pelos usuários e chamaram atenção para o fato de serem as árvores e os arbustos as

fontes primárias de recursos das comunidades que habitam ou vivem no entorno de florestas secas, uma vez que estas oferecem produtos disponíveis por um grande período de tempo. Provavelmente essa diferença de resultados entre os trabalhos realizados na região Nordeste deva-se ao fato de alguns estudos considerarem tanto plantas nativas como cultivadas e outros somente plantas cultivadas.

Quanto às formas de preparo (uso), observou-se a predominância dos chás, citados para 39 espécies (Tabela 2), seguidos de lambedor ou xarope (13 espécies), ingestão na forma de sucos ou saladas (7 espécies), uso tópico como cicatrizante de ferimentos (6 espécies), banhos (5 espécies), maceração (4 espécies), inalação de vapor (2 espécies), gargarejo, supositório e tintura (1 espécie cada). Acredita-se que este resultado está diretamente relacionado com a praticidade e rapidez na preparação dos remédios. Os chás e xaropes também foram as formas de preparo mais encontradas por Medeiros et al. (2004), Amorozo (2002) e Arnous et al. (2005). Já nos estudos desenvolvidos por Franco e Barros (2006), os chás e as garrafadas tiveram predominância.

Verificou-se também que várias espécies de plantas foram citadas para os mesmos grupos de doenças por sistemas corporais (Figura 5, Tabela 2), de maneira que, para o tratamento de gripe/garganta/ouvido, foram citadas 20 espécies de plantas; sistema genito-urinário (15); aparelho digestório (13); sistema nervoso (11); doenças intestinais e do fígado (11); aparelho circulatório e sangüífero (6); doenças da pele (6); dor de cabeça (5); sistema ósteo-muscular (4); febre (2); tratamento de câncer (2); problemas de vista (1).

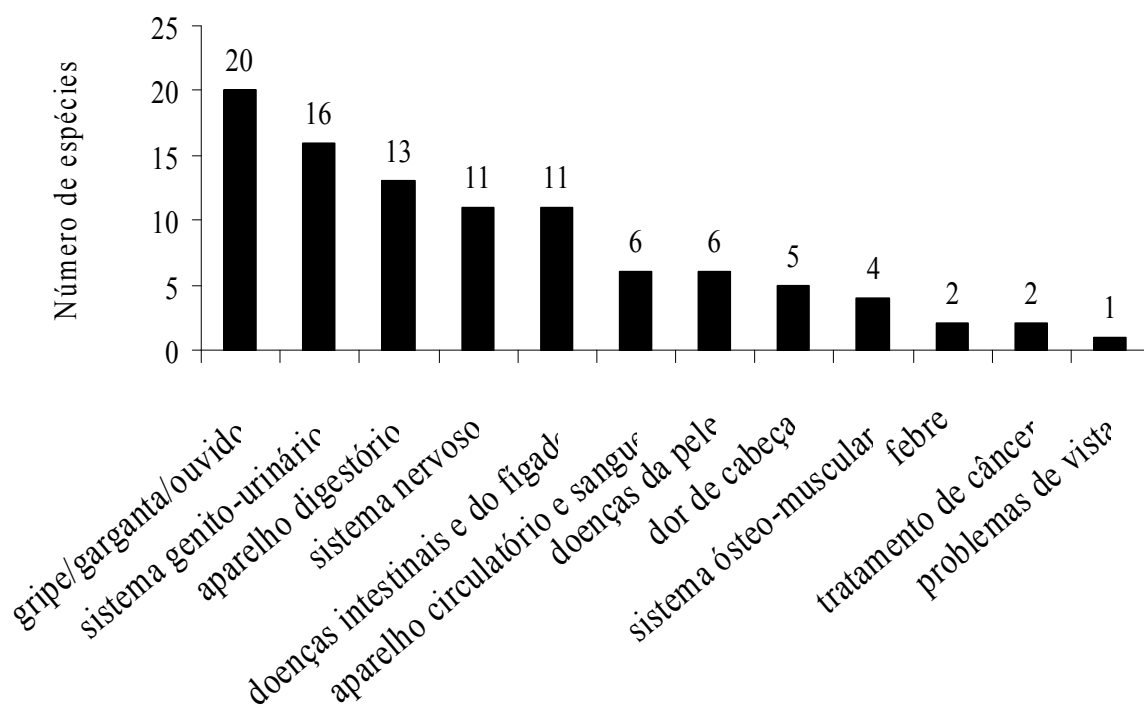


Figura 5. Número de espécies citadas por grupo de doenças ou sistemas acometidos.

Medeiros et al. (2004) também encontraram o maior número de espécies para o tratamento da gripe, entre os moradores entrevistados em Mangaratiba/RJ; Amorozo (2002) mostrou que, em Santo Antônio do Leverger/MT, a maioria das espécies foi indicada para o tratamento de doenças dos aparelhos digestório, respiratório e genito-urinário; já Ritter et al. (2002) encontraram um maior número de espécies indicadas para problemas intestinais e do fígado, seguido de gripe, aparelho digestório e aparelho circulatório.

Todas essas observações sugerem a necessidade de realização de projetos que envolvam as universidades e as comunidades com as características supracitadas, como uma forma de garantir o resgate e a valorização do conhecimento popular, visando o desenvolvimento de programas, especialmente na região Nordeste do Brasil, que permitam cultivar e utilizar as plantas na forma de preparações dotadas de eficácia, segurança e qualidade como sugerido pela Organização Mundial da Saúde.

CONCLUSÕES

Os entrevistados são detentores de informações acerca do uso das plantas, fato esse comprovado pela miscelânea de indicação de uso de plantas para os mais diversos tratamentos, embora tenha sido registrado um número relativamente pequeno de espécies, quando comparado a outros estudos já realizados no nordeste brasileiro;

Há um índice de concordância entre os entrevistados quanto ao conhecimento das plantas medicinais, uma vez que 49% das espécies registradas são comuns às três áreas;

A faixa etária dos entrevistados evidencia que as pessoas mais idosas detêm o conhecimento etnobotânico e que com raras exceções, os mais jovens demonstram interesse em assimilar as informações sobre as espécies e as suas diferentes formas de utilização.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem os moradores entrevistados pela disponibilidade no repasse das informações; a Alan de Araújo Roque pela elaboração do mapa da área de estudo e aos avaliadores anônimos pelas valiosas sugestões.

REFERÊNCIAS

AGRA, M.F. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba: um projeto interdisciplinar. In: F.D. de Araújo, H.D.V. Prendergast & S.J. Mayo (eds.), Plantas

do Nordeste. Anais do I Workshop Geral. Londres: Royal Botanic Gardens, 1999. p.16-21.

ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.16, n.3, p. 273-285, 2002a.

ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Uso de recursos vegetais da Caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). *Inter-ciência*, v.27, n.7, p.336-346, 2002b.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica. Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004. 189p.

ALVES, T.A. et al. Encantos da Vila de Ponta Negra: interface entre Universidade e Comunidades. Disponível em <http://www.pr5.ufrj.br/cd_iberol/biblioteca_pdf/>. Acesso em: 10/08/2008.

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.16, n.2, p.189-203, 2002.

ARNOUS, A.H.; SANTOS, A.S, BEINNER, R.D.C. Plantas Medicinais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. *Revista Espaço para a Saúde*, v.6, n.2, p.1-6, 2005.

BORBA, A.M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.20, n.4, p.771-782, 2006.

BRAGA, R. Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará. 5.ed. Ceará: Fundação Guimarães Duque, 2001. 540p.

BRIDSON, D.; FORMAN, L. The Herbarium Handbook. London: Royal Botanic Gardens Kew, 1998. 334p.

BRUMMITT, R.K.; POWELL, C.E. Authors of Plant Names. London: Royal Botanic Gardens Kew, 1992. 732p.

CARRICONDE, C. et al. Plantas medicinais & plantas alimentícias. Olinda: Centro Nordestino de Medicina Popular/Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1995. 153p.

CASTELLUCCI, S. et al. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio – SP: uma abordagem etnobotânica. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.3, n.1. p.51-60, 2000.

- CRONQUIST, A. An Integrated System of Classification of Flowering Plants. New York: Columbia University Press, 1988. 555p.
- FLORENTINO, A.T.N.; ARAÚJO, E.L.; ALBUQUERQUE, U.P. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* v. 21, n.1, p.37-47, 2007.
- FRANCO, E. A. P.; BARROS, R.F.M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.8, n.3, p.78-88, 2006.
- LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 512p.
- LORENZI, H.; SOUZA, H.M. Plantas Ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1999. 1088p.
- MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V.S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. *Acta Botanica Brasilica*, v.21, n.2, p.263-276, 2007.
- MATOS, F.J.A. Plantas da Medicina Popular do Nordeste. Fortaleza: Editora UFC, 1999. 78p.
- MATOS, F.J.A. Farmácias Vivas: sistemas de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. 4. ed. Fortaleza: Editora UFC, 2002. 267p.
- MEDEIROS, M.F.T.; FONSECA, V.S.; ANDREATA, R.H.P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítios antes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.18, n.2, p.391-399, 2004.
- MORI, S. et al. Manual do manejo do herbário fanerogâmico. 2 ed. Itabuna: Centro de Pesquisas do Cacau, 1989. 103p.
- PEIXOTO, A.L.; AMORIM, M.P. Coleções botânicas: documentação da biodiversidade brasileira. *Ciência e Cultura*, v. 55, n.3, p.21-24, 2003.
- PEREIRA, C.O. et al. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais utilizadas em dermatologia na cidade de João Pessoa – Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.7, n.3, p.9-17, 2005.
- PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.20, n.4, p.789-802, 2006.
- PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.20, n.4, p.751-762, 2006.
- RITTER, M.R. et al. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v.12, n.2, p. 51-62, 2002.
- RUDDER, E.A.C. Guia Compacto das Plantas Medicinais. São Paulo: Rideel, 2002. 478p.
- SALES, M.F.; LIMA, M.J.A. Formas de uso da flora da caatinga pelo assentamento da microrregião de Soledade (PB). In: VIII REUNIÃO NORDESTINA DE BOTÂNICA, 1, 1985, Recife. Anais... Recife: Sociedade Botânica do Brasil, Seccional de Pernambuco, 1985. p.165-184.
- SANTANA, G. et al. As plantas medicinais na comunidade cabocla de pescadores de Fortalezinha, Ilha de Maiandeuá, Município de Maracanã (PA). In: ENCONTRO BAIANO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 1. Feira de Santana. Anais... Feira de Santana: UEFS, 1999. p.149-167.
- SANTOS, J.S. Levantamento etnobotânico da flora medicinal do município de Tacaratu, Pernambuco. 2002. 45f. Monografia (Especialização em Botânica) – Universidade de Pernambuco, Garanhuns.
- SILVA, A.J.R.; ANDRADE, L.H.C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.19, n.1, p. 45-60, 2005.
- TEIXEIRA, S.T.; MELO, J.I.M. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. *Iheringia*, ser. Bot., v.61, n.1-2, 2006.